

## Gramsci e a aliança operário-camponesa

Marília Gabriella Borges Machado<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo é um estudo sobre a questão da terra analisada por meio dos textos de Antonio Gramsci. O trabalho tem como objetivo principal demonstrar a teoria política da aliança operário-camponesa desenvolvida por Gramsci a partir dos anos pré-carcerários, e melhor sistematizada nos anos do Cárcere. São trabalhados temas sobre o processo de *Risorgimento* italiano e a relação Sul e Norte, e a aliança operário-camponesa na luta pela terra no processo de transformação social do qual o autor esteve inserido. O artigo tem como resultado a importância dessa estratégia política e influência dos acontecimentos revolucionários na Rússia para o desenvolvimento da concepção gramsciana.

**Palavras Chave:** *Risorgimento*; Questão agrária; Gramsci.

## Gramsci and the worker-peasant alliance

**Abstract:** This article is a study on the land question analyzed through the texts of Antonio Gramsci. The main objective of this work is to demonstrate the political theory of the worker-peasant alliance developed by Gramsci in his pre-prison years, and systematized in his prison years. The topics are: the process of Italian *Risorgimento* and the relation South and North; the worker-peasant alliance in the struggle for land in the process of social transformation of which the author was inserted. The article results in showing the importance of this political strategy and the influence of revolutionary events in Russia for the development of Gramscian conception.

**Keywords:** *Risorgimento*; Agrarian question; Gramsci.

### Introdução - o *Risorgimento* e a relação Sul e Norte na Itália

Antonio Gramsci nasceu em janeiro de 1891 e veio a falecer em 1937, dias após sair do cárcere, o qual foi condenado devido posicionamento contrário à ditadura fascista de Benito Mussolini. Gramsci, nasceu na Sardenha, umas das regiões da província de Cagliari e mais pobres da ilha pertencente ao Reino de Piemonte. Chegou em Turim, região localizada no norte italiano industrializado, e trouxe consigo questões de grande importância para o período e para a região sul de onde vinha. O intelectual, conhecido como jovem sardo, é neste período de juventude um meridionalista e seguidor da filosofia neodealista de Benedetto Croce. Nos anos de guerra, o autor afasta-se de Croce e há uma aproximação das ideias de Rosa, Sorel e posteriormente, em 1921, do marxismo de Lenin.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais, com foco na área de Ciências Políticas e Econômicas. Cursa a Licenciatura em Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília/ UNESP.

A breve contextualização da história de Gramsci muito nos interessa quando compreendemos as preocupações do autor sardo com os assuntos de *Alguns temas da Questão Meridional* e da luta pela aliança operário-camponesa italiana e também internacionalmente. O presente artigo possui como objetivo principal o desenvolvimento das ideias de Gramsci a partir do texto de 1919, *Operários e Camponeses*, do texto escrito e inacabado de 1926, *Alguns temas da Questão Meridional* e também do Caderno 19, escrito entre 1934-1935, *Risorgimento Italiano*. A luta pela terra interessa ao jovem sardo desde seus anos de juventude e continua presente nos Cadernos do Cárcere. Dessa forma, o debate que pretende-se realizar nesse artigo é qual a importância da aliança operário-camponesa para Gramsci no processo de uma possível revolução socialista.

A atenção de Gramsci sobre o termo *camponeses* merece destaque já nos escritos pré-carcerários (1910-1926), no entanto, nos Cadernos iremos encontrar termos conexos a este, como por exemplo, a formação dos grupos intelectuais italianos, as origens sobre a Ação católica na Itália e na Europa, a questão meridional<sup>2</sup>, a categoria de folclore e também a questão das ilhas. Os temas trabalhados por Gramsci estão em conexão com a questão camponesa e a ausência de uma revolução jacobina no *Risorgimento Italiano*<sup>3</sup>.

Os jacobinos conquistaram a função de partido dirigente e impôs a burguesia da França uma posição de avanço dos núcleos burgueses de forma revolucionária. Isso representa para Gramsci uma das características do jacobinismo e de uma grande revolução.

Os jacobinos, portanto, foram o único partido da revolução em ato, uma vez que não só representavam as necessidades e as aspirações imediatas das pessoas físicas reais que constituíam a burguesia francesa, mas representavam o movimento revolucionário em seu conjunto, como desenvolvimento histórico integral, porque também representavam as necessidades futuras e, de novo, não só daquelas determinadas pessoas físicas, mas de todos os grupos nacionais que deviam ser assimilados ao grupo fundamental existente (GRAMSCI, 2001a: 80).

---

<sup>2</sup> Gaetano Salvemini muito influenciou os posicionamentos de Gramsci sobre a Questão Meridional. Em 1920, o jovem sardo delineou os traços de uma Questão Meridional relacionada com as determinações do capitalismo e avançou na direção da proposta de unificação entre o campesinato e os operários urbanos da Itália setentrional para a solução do problema agrícola. Dessa maneira, a moderna Questão Meridional, para o pensamento gramsciano é uma reflexão que envolve práxis e teoria e a unificação estratégica dos operários e dos camponeses para solucionar o problema agrário italiano.

<sup>3</sup> O período italiano conhecido como *Risorgimento* foi uma revolução sem revolução burguesa, nos modelos jacobinos. Nesse momento, a categoria de revolução passiva é utilizada para indicar os limites do *Risorgimento*, marcado pela política dos moderados e um momento de consolidação do critério histórico-político, ou seja, de ser possível alcançar uma hegemonia antes de ter um governo.

Devemos nos lembrar, no entanto, que na Itália não teve a formação de um partido jacobino e nenhuma orientação no Partido de Ação para tornar-se um partido dirigente. A revolução na Itália se apresentava contra os tratados antigos, contra a ordem internacional e contra a Áustria que mantinha o país e ocupava parte do território italiano, além de controlar o restante. Segundo Gramsci, a questão do *Risorgimento* foi transformada em uma questão patriótica e também econômica que devem ser analisadas com a fraqueza da burguesia italiana diferente das burguesias europeias. Para o autor, as diferenças da Itália e dos outros países europeus devem ser vistas a partir do desenvolvimento histórico e das relações internacionais das nações.

A relação entre a cidade e o campo é um problema antigo na Itália e demonstrava certo sentimento de ódio para com os camponeses nas cidades urbanas. Já se manifestava de modo embrionário a relação entre Norte e Sul como uma relação entre a grande cidade e o campo, e conseqüentemente surgiu um problema de nacionalidade.

[...] existe entre todos grupos sociais uma unidade ideológica urbana contra o campo, unidade da qual não escapam nem mesmo os núcleos mais modernos por sua função civil, que também aí existem: existe o ódio e o desprezo contra o “camponês”, uma frente única implícita contra as reivindicações do campo, que, realizadas, tornariam impossível a existência deste tipo de cidade (GRAMSCI, 2001a: 88).

Difundiou-se na Itália a questão de um preconceito do norte em relação ao Sul, eis o problema da questão meridional, já antigo às preocupações de Gramsci. No campo estava relacionado os problemas de incesto, de mortalidade, de práticas higiênicas, de alcoolismo, de crimes, de condições culturais e fundiárias, além da fome. Para o autor, “os camponeses são detentores de cultura no nível do folclore, privados da organicidade própria do pensamento filosófico” (GALLO, 2017: 85). Os camponeses eram privados de intelectuais orgânicos e tinham como grande influência e direção os intelectuais tradicionais.

Os camponeses conservavam uma mentalidade religiosa e estavam à mercê das forças naturais. Compreende que o filho de um intelectual tem maiores facilidades para o estudo e o filho do operário maior facilidade ao se deparar com o mundo do trabalho na fábrica do que o filho de um camponês. “Eis porque muitas pessoas do ‘povo’ pensam que, nas dificuldades de estudo, exista um ‘truque’ [...]; veem o ‘senhor’ [...] realizar com desenvoltura e aparente facilidade o trabalho que, a seus filhos, custa lágrimas e sangue” (GRAMSCI *apud* GALLO, 2017: 86).

O debate sobre a categoria de folclore em Gramsci é necessário para compreendermos a relação que possui com o campesinato. Para o autor, estudar o folclore implica em compreender uma concepção do mundo e da vida que muitas vezes está implícito nos estratos de tempo e de espaço da sociedade, e em oposição com as concepções de mundo localizadas na parte culta. O folclore é compreendido como um reflexo e representação das condições culturais de um povo.

Concepção do mundo não só não elaborada e assistemática – já que o povo (isto é, o conjunto das classes subalternas e instrumentais de toda forma de sociedade que existiu até agora) não pode, por definição, ter concepções elaboradas, sistemáticas e politicamente organizadas e centralizadas em seu (ainda que contraditório) desenvolvimento-, como também múltipla. (GRAMSCI, 2001b: 134).

Temos, portanto, uma relação entre folclore e senso comum que significa um nexo. Cada camada social possui seu senso comum e as correntes filosóficas também deixam camadas de senso comum que se transformam de modo contínuo.

Os camponeses eram vistos na literatura italiana como atrasados, como um espetáculo da natureza e também com certas diferenças que colocam em xeque a questão da dignidade humana. No entanto, Gramsci compreende a subalternidade dos camponeses em outro sentido, diferente da memória histórica que insere os camponeses não em conceitos reais e políticos, mas ligados à fenômenos da rebelião. Para Gramsci, o problema perpassa por uma questão dos intelectuais, ou seja, a ausência de intelectuais orgânicos tornou os camponeses uma massa dos intelectuais tradicionais, que tinham como figura principal a Igreja Católica e grandes proprietários de terra.

No artigo de 15 de janeiro de 1916, *O sillabo e Hegel*<sup>4</sup>, publicado no jornal *Il grido del Popolo*, Gramsci realiza um debate sobre a questão da terra e do *Risorgimento*. O *Sillabo* é um dos documentos da Igreja Católica mais reacionários que existe. Foi publicado em 1834, pela Cúria Romana em referência a supostos erros de religião e moral. Nos interessa que este documento possui definições sobre a propriedade fundiária como algo natural e inviolável, fato que coloca a pequena e média propriedade fundiária no controle da burguesia ou do vilarejo e não dos camponeses, questão que também implicava na economia do país.

---

<sup>4</sup> GRAMSCI, Antonio. *O Sillabo e Hegel*. In: **Escritos Políticos v.I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

O acúmulo da propriedade fundiária criou na Itália um volume de pensionistas e de rentistas e uma figura do produtor de poupança, ou seja, de um pequeno grupo que além de extrair o sustento consegue poupar. Gramsci compreende isto não apenas no sul da Itália, mas em toda Europa, particularmente nas regiões sul.

O *Sillabo* possui relação com o que aconteceu na Itália, de forma que o *Risorgimento* não foi um movimento político revolucionário de tipo jacobino. Não ocorreu uma reforma religiosa que separasse o Estado da Igreja, ao contrário, despojou-se ao Estado um valor absoluto. Para Gramsci, além de uma comunidade de fiéis, uma instituição eclesiástica, a Igreja é um intelectual coletivo.

A Igreja faz parte das instituições do Estado que realizam consenso e que possuem poder na vida da massa, aparece, portanto, como um intelectual coletivo e que possui relações com as classes subalternas e condiciona questões da vida cultural, política e social dos povos e dos Estados.

A relação que a Igreja possui como intelectual coletivo está relacionada com o problema da moderna questão meridional. Notamos que a diferença entre Norte-Sul era realizada pela composição social, pois, os camponeses do Sul mantinham relações econômicas com o trabalho e criava uma enorme população de arrendatários. Após a unificação "a atrasada estrutura meridional passou a ser explorada, tornou-se permanente e foi até acentuada, para drenar as economias de suas classes parasitárias em direção ao Norte" (GALLO, 2017: 577).

A região Sul deveria estar abaixo do Norte em uma relação semicolonial por meio de controle policial que continha enorme repressão ao campesinato e a qualquer movimento oposto ao Estado vigente. Fato que designou muitos massacres camponeses para o combate da difusão das ideias socialistas e um apoio político aos intelectuais da região Sul, pois, eram a representação e a expressão da propriedade agrária, de modo que combatia as expressões intelectuais de descontentamento com a forma de vida.

Isto está relacionado com a falta de organização política dos camponeses italianos, pois as manifestações foram vistas como caóticas, desorganizadas e criminosas e não como um problema político.

A não-formulação da questão agrária levava à quase impossibilidade de resolver a questão do clericalismo e da atitude antiunitária do Papa. Sob este aspecto, os moderados foram muito mais ousados do que o Partido de Ação: é verdade que eles não distribuíram os bens eclesiásticos entre os camponeses, mas deles se serviram para criar uma nova camada de grandes e médios proprietários ligados à nova situação política, e não hesitaram em

expropriar a propriedade fundiária, mesmo que só a das Congregações (GRAMSCI, 2001: 97).

Os intelectuais tradicionais do Sul possuíam relações clientelistas com o governo. Não interessava a Giovanni Giolitti<sup>5</sup> a difusão do socialismo no *Mezzogiorno*, pois trazia vantagens econômicas para o Norte e para a classe operária, de modo que sacrificava outros operários e os camponeses, além de prejudicar uma possível organização por parte do campesinato ao demonstrar o problema da região setentrional como um problema político. Tornaram-se os intelectuais um meio de desorganização das consciências da massa camponesa e uma ferramenta para a política e dominação do grupo meridional. De maneira que a prática política giolittiana era fundar uma ação de governo sobre o transformismo parlamentar e utilização da repressão do Estado sobre os campesinatos meridionais.

A ditadura férrea dos intelectuais e de alguns grupos subalternos, mais a propriedade fundiária, só mantém sua solidez superexcitando seus elementos militantes com este mito de fatalidade histórica, mais forte do que qualquer deficiência e incapacidade política e militar (GRAMSCI, 2001a: 33).

O predomínio dos bacharéis no Sul que colocavam em contato a massa dos camponeses com o aparelho estatal foi diferente no Norte com os técnicos da fábrica que estavam em conexão com os operários, com as organizações sindicais e com os partidos que eram dirigidos por um novo tipo de intelectual.

É possível de compreensão que a questão agrária e camponesa é um problema regional e que está relacionado com a questão do Vaticano que possui o controle ideológico do campesinato, de forma que a reprodução social é realizada pela tradição da burguesia, e também do Estado e da política setentrional. De certa maneira, no período do *Risorgimento*, o Partido de Ação também não conseguiu ser um partido dirigente e colocar as massas em contato com o Estado, não ocorreu uma revolução burguesa, e sim, uma revolução passiva onde “as massas populares são decapitadas, não absorvidas no âmbito do novo Estado” (*Op.Cit.:* 93).

A relação entre o campo e a cidade são importantes para Gramsci por iniciar um processo de exame das forças fundamentais e revolucionárias da história italiana. O problema agrário não esteve em pauta no Partido de Ação e não apresentou nenhuma solução ao problema, pois, seria necessário uma formulação dessa questão nacional que fazia parte dos

---

<sup>5</sup> Líder político de grande importância no período de monarquia liberal italiana. Foi ministro e presidente do Conselho diversas vezes. Chegou a marcar uma época com o próprio nome quando dirigiu o governo quase consecutivamente de 1903 a 1914.

proprietários fundiários que estavam em torno do Piemonte, do Estado e também do Exército. Os movimentos dos camponeses foram esmagados pelo exército e criou-se a Guarda Nacional anticamponesa.

### **A aliança operário-camponesa na revolução socialista**

O Sul definido por Gramsci, como um enorme bloco agrário e constituído por três estratos, a massa camponesa amorfa e desorganizada, os intelectuais da pequena e média burguesia rural, os proprietários de terra e os intelectuais, coloca o campesinato em uma situação de massa incapaz de realizar uma resposta às aspirações. Como vimos anteriormente, os intelectuais dominam o campo ideológico e as possíveis manifestações, mas é necessário que o campesinato busque uma organização efetiva não apenas para a realização de uma reforma agrária, mas para determinar o uso da terra e colaborar na produção de mercadorias de forma organizada para determinado fim que não seja da apropriação individual.

Para o autor, a resolução do problema está na aliança política que coloca o proletariado de Turim e de Milão como o protagonista da questão meridional junto ao campesinato. Necessário, portanto, que as massas do Norte compreendam que a unificação italiana não ocorreu igualmente, mas com uma hegemonia do Norte sobre o *Mezzogiorno* na submissão campo-cidade. Compreender que existiu uma relação, nas palavras de Gramsci, do Norte como um “ ‘sanguessuga’ que se enriquecia às custas no Sul e que seu desenvolvimento econômico-industrial estava em relação direta com o empobrecimento da economia e da agricultura meridional” (AGOSTINO, 2017: 535).

O artigo de Gramsci, *Operários e Camponeses*, publicado em agosto de 1919, no jornal *L'Ordine Nuovo*<sup>6</sup>, faz referência a luta operário-camponesa e as possibilidades dos conselhos de fábrica, ou seja, do proletariado turinês organizado nos conselhos, em realizar a revolução na unidade operário-camponesa. O jovem sardo faz referências aos países mais atrasados do ponto de vista de desenvolvimento capitalista, como por exemplo, a Rússia, a França, a Itália e a Espanha.

[...] existe uma nítida separação entre a cidade e o campo, entre os operários e os camponeses. Na agricultura, sobreviveram formas econômicas nitidamente feudais, bem como a mentalidade que lhes corresponde. A idéia do Estado moderno liberal-capitalista ainda é ignorada; as instituições econômicas e políticas não são concebidas como categorias históricas, que

---

<sup>6</sup> Semanário de cultura socialista criado e organizado por Umberto Terracini, Antonio Gramsci, Palmiro Togliatti e Angelo Tasca em 1º de maio de 1919. Ver: DIAS, E. **Gramsci em Turim e a construção do conceito de hegemonia**. Xamã: Campinas, 2000.

tiveram um início, sofreram um processo de desenvolvimento e podem se dissolver, depois de terem sido criadas as condições para as formas superiores de convivência social (GRAMSCI, 2004a: 265).

Gramsci analisa que o Estado burguês manteve a propriedade agrária fora da livre concorrência e o Estado manteve a essência feudal que conservavam os privilégios feudais. Fato que colaborou para que a mentalidade do camponês continuasse como a do servo da gleba

que se revolta contra os “senhores” em determinadas ocasiões, mas é incapaz de conceber a si mesmo como membro de uma coletividade (a nação para os proprietários, a classe para os proletários) e de desenvolver uma ação sistemática e permanente no sentido de modificar as relações econômicas e políticas da convivência social (*Ibidem*).

Como vimos, em 1919, Gramsci já desenvolve a questão do problema agrário e busca soluções para isso. Compreende que a luta de classes no campo era confundida com o banditismo,

com a vingança, com o incêndio dos bosques, com o morticínio do gado, com o rapto das mulheres e das crianças, com o assalto à prefeitura: era uma forma de terrorismo elementar, sem consequências estáveis e eficazes. [...] a psicologia do camponês se reduzia a uma pequeníssima soma de sentimentos primitivos dependentes das condições sociais criadas pelo Estado democrático-parlamentar: o camponês era deixado completamente à mercê dos proprietários e de seus sicofantas e dos funcionários públicos corruptos; e a sua maior preocupação vital era a de defender-se corporalmente dos perigos da natureza elementar, dos abusos e da barbárie cruel dos proprietários e dos funcionários públicos (*Ibidem*).

No entanto, os anos de guerra mudaram o que Gramsci denomina de psicologia dos camponeses. Segundo o jovem sardo, o industrialismo não fora capaz de realizar o que a guerra fez no sentido de obrigar as nações mais atrasadas economicamente a agrupar seus homens. A Guerra Imperialista teve como uma das consequências algo não previsto, fato que também é notável na Rússia.

Os instintos individuais egoístas se atenuaram, modelou-se um espírito unitário comum, os sentimentos se identificaram, formou-se um hábito de disciplina social: os camponeses conceberam o Estado em sua complexa grandiosidade, em seu desmesurado poder, em sua complicada construção. (*Op. Cit.:* 267)

Gramsci analisa a participação dos conselhos, dos delegados militares e dos soldados camponeses nos *soviets* de Petrogrado, de Moscou e dos centros industriais russos como um momento de aquisição da consciência da classe trabalhadora. A questão de relacionar a Itália



e a Rússia partem de Gramsci por não serem de grande diferença, pois a questão de "classe dos operários e dos camponeses se apresenta nos mesmos termos: ela ocorrerá na prática do Estado socialista e se fundará na nova psicologia criada pela vida comum nas trincheiras" (GRAMSCI, 2004: 268).

Mas, já em 1919, podemos notar isso, vejamos.

As condições do trabalho estão hoje radicalmente abaladas: o desemprego agrário já se tornou um problema insolúvel por causa da impossibilidade efetiva de emigrar. A transformação industrial da agricultura só pode ocorrer com o consentimento dos camponeses pobres, através de uma ditadura do proletariado que se encarne em conselhos de operários industriais e de camponeses pobres. Os operários e os camponeses pobres são as duas energias da revolução proletária. [...] São a espinha dorsal da revolução. (GRAMSCI, 2004a: 268)

A questão dos intelectuais surge como uma das necessidades vitais nas exigências culturais do proletariado e do campesinato, para Gramsci é necessário que o Partido compreenda a necessidade dessa aliança e a urgência em resolver o problema. Os camponeses organizados representam muito mais do que o problema de desagregação social e sem coesão. Laçamos a questão: como a questão meridional deveria ser solucionada para Gramsci? Em primeiro momento, compreendemos a questão meridional como um problema histórico da Europa, especificamente no nosso caso, da Itália. Em segundo momento, notamos que a questão colocada é que o camponês é essencial para a revolução socialista.

A discussão sobre o tema não significava a conquista do campesinato pelo proletariado. Estava relacionada com a educação da classe dirigente que se fazia partido e na complexidade de compreensão da singularidade da história da formação das classes subalternas. A sociedade meridional enquanto não organizada e compreendida como um bloco agrário constituído pelos intelectuais da pequena e média burguesia, por grandes proprietários agrários e pelos intelectuais tradicionais, que são incapazes de expressar de maneira centralizada suas necessidades.

Isto também significa para o autor sardo uma contradição no desenvolvimento do capitalismo italiano, pois identifica nos camponeses junto ao proletariado industrial do Norte, um elemento social revolucionário. Representa a capacidade da aliança operário-camponesa, tanto dos comunistas de Turim quanto de Milão para organizar e resolver o problema da questão meridional e do Estado capitalista "constitui o novo centro de perspectiva para a formação de um bloco histórico alternativo, capaz de confiar a direção do Estado ao proletariado urbano do Norte e às massas camponesas do Sul" (AGOSTINO, 2017: 534).

No III Congresso do PCI foi estabelecida uma linha política para a revolução italiana, surgiu, portanto, a questão meridional como expressão da questão agrária e camponesa. O título, *Notas sobre o problema meridional e sobre a atitude diante dele dos comunistas, dos socialistas e dos democratas*, conhecido como *Alguns temas da Questão Meridional*, foi escrito por Gramsci em 1926 e é um texto inacabado. Segundo Carlos Nelson Coutinho, o título foi escrito com a própria letra de Gramsci e está na primeira página do manuscrito. Foi encontrado por Camilla Ravera logo após a prisão do comunista sardo. O título foi rabiscado e substituído pelo qual conhecemos hoje, tendo sua primeira publicação em janeiro de 1930, na revista *Lo Stato operaio* do Partido Comunista Italiano (PCI), editada em Paris.

Gramsci inicia o texto na retomada do debate sobre a questão meridional e os operários de Turim. O autor enfatiza uma citação de um artigo de 1920 que demonstra o ponto de vista dos comunistas turinenses. Compreende que o problema agrário não será resolvido por uma divisão das terras incultas e mal cultivadas, mas, no momento em que houver solidariedade com o proletariado industrial que necessita da solidariedade do camponês.

Impondo o controle operário sobre a indústria, o proletariado fará com que a indústria produza máquinas agrícolas para os camponeses, roupas e sapatos para os camponeses, energia elétrica para os camponeses. Impedirá que a indústria e os bancos explorem ainda mais os camponeses e os subjuguem como escravos aos seus cofres (GRAMSCI, 2004b: 406).

O trecho acima significa que Gramsci prossegue no famoso debate sobre a aliança operário-camponesa não para reforma agrária e continuidade do Estado burguês, mas para uma articulação estratégica que desdobra em um novo Estado. Gramsci faz inúmeras referências aos comunistas de Turim no debate com os escritores do jornal *Il Quarto Stato*.

A experiência dos conselhos de fábrica na Itália representavam a organização do proletariado de Turim e do controle operário para uma democracia operária. Os conselhos representavam para Gramsci, a autoeducação e a autogestão da fábrica articulada com a cultura operária e a construção da hegemonia dos subalternos. Possível de observarmos no texto de 1926 que

os comunistas de Turim tiveram um “mérito” incontestável: o de obrigar a vanguarda operária a se ocupar da questão meridional, apontando-a como um dos problemas essenciais da política nacional do proletariado revolucionário. Nesse sentido, contribuíram na prática para retirar a questão meridional de sua fase de indefinição, intelectualista, chamada de “concretista”, para fazê-la ingressar numa nova fase. (*Op. Cit.*: 408)

Para o autor, o proletariado pode se tornar classe dirigente conforme pode criar um conjunto de alianças de classe, para que se mobilize contra o capitalismo a maioria da classe trabalhadora. Notamos que os comunistas de Turim foram capazes de formular a questão da hegemonia do proletariado e deveria obter o consenso nas massas camponesas. O campesinato representa na articulação entre o campo e a cidade uma possibilidade de novo Estado que “possa se fundar e se desenvolver, através das quais o Estado socialista possa promover a introdução das máquinas e determinar o grandioso processo de transformação da economia agrária” (GRAMSCI, 2004a: 270).

Portanto, quando organizados, os camponeses tornam-se um elemento de progresso, mas quando estão desorganizados e abandonados irão se tornar um tumulto e uma desordem que corresponde ao caos. Gramsci compreende a revolução como um problema de disciplina e de organização que deve possuir como protagonista as cidades industriais, o proletariado organizado no novo órgão revolucionário – os conselhos- que possui como intelectual dirigente o Partido- e os camponeses na aliança entre as classes.

### **Considerações finais**

O que pretendemos articular nesse texto foi um debate sobre como o *Risorgimento* italiano, uma revolução passiva e não jacobina, acabou por não solucionar o problema da questão meridional. Não somente o *Risorgimento*, vimos que os intelectuais tradicionais e a falta de intelectuais orgânicos no Sul colaboraram para a desorganização da massa camponesa, além da política setentrional de Giolliti.

Gramsci enfrentou os problemas de ter nascido em uma região tão atrasada como a Sardenha. Com dificuldades financeiras, o jovem sardo ao chegar em Turim, em 1911, deparou-se com os problemas do proletariado e com o positivismo do Partido Socialista Italiano (PSI), entrou para a militância socialista e começou a desenvolver as questões do *Mezzogiorno*. Sistematizou sua experiência e as leituras acerca do *Risorgimento* Italiano e da questão meridional para realizar uma teoria que solucionasse o problema. Contou com influência da linha do III Congresso da Internacional, das influências de Lenin e da NEP. Resolver a questão meridional, significava para Gramsci, solucionar os problemas dos camponeses e da submissão do Sul em relação ao Norte. Estava, portanto, na ordem do dia o debate e os projetos para mudanças.

Falamos um pouco sobre a questão meridional vinculada à questão do vaticano, ou seja, a questão da Igreja. Notamos a importância dos intelectuais orgânicos no processo de revolução socialista a fim de consolidar-se como partido revolucionário e bloco histórico. Os

intelectuais orgânicos estão relacionados com a construção da ideologia da classe operária italiana e deveria estar para os camponeses, principalmente no processo de construção da hegemonia dos grupos subalternos, que possui como força elementar os camponeses. Finalizamos por fim, na importância de compreender o debate histórico dos grupos marginalizados da Itália que muito se assemelham com as condições russas.

No Brasil há também o problema da terra que ainda não foi resolvido completamente. Há uma criminalização das regiões mais desenvolvidas economicamente para com as regiões menos desenvolvidas, sendo o Norte e o Nordeste. A luta pela terra e a questão da fome também fazem parte do debate que Gramsci nos insere. Os escritos do jovem sardo são de grande importância para compreendermos a questão da terra em nosso país, mesmo com diferenças geográficas e territoriais, também contribui para a cultura das classes trabalhadoras e camponesas do país.

## Referências

LIGUORI, Guido. VOZA, Pasquale. **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017.

GRAMSCI, Antonio. O Sillabo e Hegel. **In: Escritos Políticos v.I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

\_\_\_\_\_. Operários e Camponeses. **In: Escritos Políticos v.I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

\_\_\_\_\_. Alguns temas da questão meridional. **In: Escritos Políticos v.II**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.

\_\_\_\_\_. Caderno 19 (1934-1935) *Risorgimento* Italiano. **In: Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001a.

\_\_\_\_\_. Caderno 27 (1935): Observações sobre o “Folclore”. **In: Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b.